

AS ÁGUAS SAGRADAS, A ECONOMIA E A RESISTÊNCIA.

Textos e contexto do Novo Testamento

Ivoni Richter Reimer

A água, nas religiões, é símbolo central para a experiência de fé. Ela remete para as origens da vida e simultaneamente para o caos. Ela anuncia possibilidade de vida abundante e nos depara também com a ameaça da desgraça. Água de menos ou demais é prenúncio e é presença de morte... Secas e enchentes! O caos, as águas originárias, o dilúvio, a bonança...

Quem não teme as fendas de terras ressequidas, sobre as quais jazem esqueletos de animais mortos pela seca, plantas compartilhando a agonia de pessoas migrantes? Quem não se apavora quando vê as torrentes de água saindo dos leitos de rios, avançando sobre casas, ruas, cidades adentro, carregando e derrubando tudo o que tem pela frente?

Quem não admira a força das águas que balança as ondas do mar, se envolve no véu das cascatas e brinca nas correntezas do rio? Quem não se alegra com a chuva no tempo certo, com o arco-íris anunciando tempo bom, de paz, e com o sol e o vento que evaporam as águas para retornarem em forma de chuva, orvalho, garoa...?

Presente nas águas está a circularidade, a renovação da vida, bem como a sua dinamicidade. Às vezes são águas transparentes e calmas, outras vezes, turvas e tempestuosas. A vida está em ambas, às vezes num aspecto de morte.

Águas para beber, matar a sede, saciar a vontade de sempre de novo poder retornar às fontes... São elas que renovam nossas energias, suprem a maioria de nossas necessidades. Somos 70% água! Devemos saber que elas nos conectam, vitalmente, a toda a vida que existe a partir das águas, nas águas que também somos nós... Terra e água coexistem em nós e no ambiente do qual fazemos parte. Terra sem água é infértil; água sem terra é indefinível. Uma não é sem a outra. Não as conhecemos isoladamente. Uma brota e se alimenta da outra, se aninha nos braços de sua companheira!

Desde as origens, água e terra estão vinculadas como que por um cordão umbilical, que gostaria de aqui nomear como a força dinâmica de Deus, o Espírito que paira sobre as águas do caos, que é soprado por Deus para suscitar a vida no mundo, em todas as criaturas viventes. O vínculo de toda a vida é, em última instância, a divindade mesma. É a divindade onipresente, presente em todas as formas de vida, a própria vida do mundo...

Como fica, então, toda a questão de poluição, degradação e morte de recursos naturais como a água? Sendo a raça humana a grande causadora do processo de destruição, nas suas menores e maiores investidas contra a natureza – no qual cada pessoa se

torna co-responsável –, como podemos e devemos avaliar também teologicamente esta ação destrutiva?

A teologia pode atuar como fundamento crucial no processo de preservação da água no mundo, conscientizando as pessoas sobre a dimensão da interdependência de todos os elos da criação e do valor precioso deste bem universal e gratuito que é a água. Ela é um bem universal, porque faz parte de toda a criação de Deus. Ela é um bem gratuito, porque não nos pertence, mas nos foi confiada por Deus para dela cuidarmos, assim como a terra. Não podemos continuar desperdiçando água pelo fato de ser de graça ou muito barata, nem podemos deixar que se transforme cada vez mais em “produto”¹ nas mãos de empresas nacionais e multinacionais. Cuidar das águas é afirmar nossa opção e solidariedade para com as pessoas empobrecidas, que cada vez mais vão sendo excluídas também do benefício e do usufruto gratuito das mesmas.

“Ter água” precisa tornar-se um declarado direito humano de cada pessoa: ninguém pode ser privado de usufruir da água para a vida.² Penso, no entanto, que não podemos mais continuar considerando a água apenas como um objeto à nossa disposição. Ela tem seu valor em si mesma. Por isso, também ela tem seu direito intrínseco de vida digna, ameaçada através de inúmeras e repetidas ações humanas, cada vez mais violentas. O direito da água deve ser considerado juntamente com o direito humano de usufruir *responsável e ecologicamente* da água.

Afirmando a interdependência do elemento água com a terra e nossos corpos, afirmamos também a sacralidade das águas, visto que tudo provém das mãos do criador. A água é manifestação do amor e do poder de Deus em si mesma e na vida do mundo. A relação com ela também reflete a relação com Deus, e vice-versa. Assim, as religiões estão conclamadas a urgentemente contribuir para a preservação das águas através da elaboração de aspectos positivos e negativos de suas tradições em relação às águas e na sua relação com elas. Quais são elementos centrais que precisam ser resgatados para uma lide responsável, solidária e amorosa com as águas? Quais são aspectos que precisam ser denunciados como motores que se tornam ameaça no processo de destruição das águas?

As grandes religiões têm em comum a compreensão de que a água é uma dádiva do criador, nela há vida e ela origina vida, maternalmente.³ Numa atitude de diálogo religioso, que respeita tradições e mitos religiosos de seus ancestrais, o teólogo Damandji Banga Wa Banga, do Congo, afirma o significado e importância da água para seu povo: “A água é nossa mãe, visto que ela sustenta a terra na qual vivemos, e por isso lhe devemos agradecimento. Sua importância não deve ser desprezada, nem na

1. Basta observar garrafas e copos de água que são vendidos, bem como seus preços, para perceber como a rotulação deste “produto” se torna lucrativa. Necessária se faz uma postura crítica e combativa em relação à privatização das águas.

2. A Conferência da Água, realizada em 2001 em Bonn, Alemanha, não conseguiu aprovação e inclusão deste item na lista dos direitos humanos básicos. A consciência, no entanto, sobre este direito humano tem crescido e movimentado muitas pessoas e organizações em iniciativas para preservação das águas.

3. Sobre as águas nas religiões, veja Marcelo Barros. *O Espírito vem pelas águas*. São Leopoldo: Cebi; Goiás: Rede, 2002, p.78-114.

vida cotidiana, nem na vida religiosa”⁴. Afirmando a água como mãe – da mesma forma como se fala da Mãe Terra – afirma-se a origem da nossa vida. Em se afetando a saúde da mãe, afeta-se a saúde e a possibilidade de vida de suas crianças. Em se matando a mãe, impossibilita-se a vida das crianças. Também nesta metáfora teológica observa-se a interdependência entre as diferentes partes.

Podemos concluir, assim, que a criação de Deus é, no seu todo e em suas partes, uma força dinâmica viva, perpassada e marcada pelo próprio sopro-presença do criador. A partir desta concepção podem derivar reflexão e ação ecumênicas que se tornam relevantes na vida cotidiana e na economia globalizada. Resistir contra os mecanismos locais e globais de ameaça e destruição das fontes de vida torna-se cada vez mais uma necessidade de *status confessionis* que precisamos afirmar para que as águas continuem a jorrar cristalinas, gratuita e livremente, como sinal da beleza e magnitude da vida da criação, da vida de Deus.

Assim como o Antigo Testamento, também o Novo Testamento menciona a água em muitos e variados contextos. Presentes estão a *realidade da vida* em meio a situações de fatura, caos, medo, doença, cura e bênção, bem como a *relevância simbólica* da salvação através das águas do batismo e da cura, ou ainda a representação das águas como sinal de destruição através da invasão do Mar Mediterrâneo pelos romanos. Queremos, a seguir, abordar parte destas narrativas, limitando-nos principalmente a relatos evangélicos.

Metodologicamente é importante buscar perceber as realidades subjacentes aos textos, conceitos e expressões, principalmente em narrativas parabólicas, admoestativas e de milagres.

Águas das necessidades cotidianas e sua expressão econômica

Nos Evangelhos são várias as alusões à água que serve para saciar as *necessidades cotidianas* de pessoas e de animais.

Através de uma palavra de Jesus é possível perceber que, para ele, a água é um bem precioso, tão necessário para a vida que dele depende inclusive a promessa de salvação, de pertença a Jesus. Em Mt 10,42, no contexto das instruções ao discipulado, Jesus afirma a recompensa salvífica para quem der de “beber ainda que seja apenas um copo de água fria” a homens e mulheres no trabalho missionário. Esta palavra está situada historicamente dentro do movimento de Jesus, que era itinerante. Mulheres e homens que dele participavam estavam numa situação de “ovelhas enviadas para o meio de lobos” (Mt 10,16), totalmente à mercê da acolhida de outras pessoas. Depende-se, desta palavra de Jesus, que muitas vezes precisavam saciar-se com “apenas um copo de água fria”. Este “apenas” aponta tanto para a situação de empobrecimento geral da população quanto para a preciosidade e até escassez da água, portanto também para a dificuldade do acesso à água. É bem provável, neste contexto, que Jesus

4. Damandji Banga Wa Banga *apud* Frank Küschner-Pelkmann. *Wasser – Gottes Gabe, keine Ware. Wasserwirtschaft in Zeiten der Globalisierung*. Hamburgo: EMW, 2002, p. 116, traduzido por mim.

mesmo tivesse passado por esta situação, para a qual está instruindo também seus discípulos e discípulas.

A partir deste texto e desta realidade missionária itinerante não estranha, portanto, que “dar água” para quem tem sede é um dos critérios de Jesus para afirmar a bem-aventurança no juízo final (Mt 25,35.37.42.44), a salvação de quem acolhe e se solidariza com quem necessita da água para viver. Transformar águas em “produto” lucrativo está fora do horizonte salvífico de Jesus, está fora da proposta do Reino, porque exclui exatamente quem delas mais necessita.

Dentre as experiências e necessidades cotidianas, as águas também se destacam como elemento que refresca em situações de extremo calor, igualmente figurativo para o destino infernal de quem não ajuda, não dá de beber e comer a quem tem sede e fome, como é o caso do pobre Lázaro e do rico (veja Lc 16,24). “Refrescar a língua” indica também para a escassez e preciosidade da água em situações desérticas e de calor, como vivenciadas na região palestinese, em tempos de verão.

Lavar o rosto, as mãos e os pés com água também faz parte das realidades cotidianas dentro de um processo de higiene, jejum e acolhida de visitas, conhecidas pelo movimento de Jesus em seus aspectos cultural e religioso (Mt 6,17; Lc 7,44). Metaforicamente, “lavar as mãos” também indica para o ato de isentar-se de culpa (Mt 27,24).

Em controvérsias acerca do sábado, temos também a notícia sobre águas que saciam a sede de animais (Lc 13,16) e de acidentes que acontecem junto a poços de água (Lc 14,5).

Águas também apresentam situações de morte, de suicídio através de afogamento, como refletem os textos admoestativos de Mt 18,6 e Lc 17,2, ou textos de cura de possessão (Mc 9,22). São experiências, portanto, também conhecidas de Jesus.

As águas estão presentes nas *realidades econômicas*, de forma expressa ou indireta. Os evangelhos sinóticos mencionam principalmente a atividade da *pescaria* como fonte de sobrevivência também dos discípulos. Enfocados são os barcos, as redes, os peixes, o mar, as ondas, a praia, as mãos que preparam as redes, as lançam e recolhem, os corpos que se encurvam, se entristecem ou alegam com o resultado do trabalho (Mc 1,16ss; 6,38; 8,7; Mt 4,18ss; 13,47ss; 14,17; 15,29.32ss; 17,27; Lc 5,1ss). Tanto para a pesca quanto para os pescadores, a situação de tempestade no mar é de improdutividade e de pânico (Mc 4,35-36; 6,47; Mt 8,18.23-24.28; Lc 8,22-25).

O perigo que as águas podem representar para a economia transparece num texto de expulsão de espíritos imundos. Neste texto, também a *suinocultura* tem um destaque, e a experiência do prejuízo econômico está presente na narrativa da cura do endemoninhado geraseno, quando os porcos, nos quais “entraram” os espíritos imundos, caem no despenhadeiro e se afogam no mar (Mc 5,1.13; Mt 8,32; Lc 8,33), tocando a água aqui como elemento de desgraça.⁵

5. Esta é uma narrativa que, sem dúvida nenhuma, faz parte de tradição judaica, que busca explicar por que não é lícito comer carne de porco. É uma maneira da tradição judaico-cristã adaptar a tradição ancestral, através do fato de Jesus ter transformado porcos em morada, em “incubadora” de espíritos legionários imundos. No texto transparece, portanto, tanto a crítica política quanto a afirmação do costume judaico de não comer carne de porco.

Outra ampla dimensão da água transparece em textos, principalmente em narrativas parabólicas, que espelham o trabalho no campo, a *agricultura*. Deve-se pressupor o fator água, quando se fala de frutos, flores e colheita. Sem ela, aliás, não haveria nem sequer trabalho para agricultores, diaristas em época de semeadura, limpeza e colheita (Mc 12,1-2; Mt 13,3.18; 20,1-16; Lc 6,1-5; 8,5-8; 12,16; 13,6-9; 20,9; Jo 4,36-37 entre muitos outros). Água e terra, portanto, fazem parte do processo de produção, e delas dependem a fartura, o trabalho, a alegria da colheita, a festa de oferendas das primícias do campo!

São principalmente as águas da chuva que possibilitam uma irrigação dos campos. Também ela está subjacente e presente nos textos. Sabe-se que a chuva cai sobre trigo e joio, metaforicamente sobre bons e maus (Mt 5,45), e que, se ela não vem (“quando o céu se fecha”), a seca impossibilita os frutos (Lc 4,25). Seca e enchentes (Mt 7,25.27; Lc 6,46-49) são, portanto, fenômenos conhecidos naquela época e localização geográfica, e representam igualmente situação de desgraça.

O conhecimento que a água é vital para a sobrevivência das pessoas está pressuposto nos textos, por causa das experiências que eles refletem. A água é necessária para a construção das relações de vida digna, economicamente viáveis e ecologicamente responsáveis. Arrolamos, a seguir, um documento daquela época, uma carta escrita por um pai aflito a seu filho que já havia migrado do campo para a periferia de alguma cidade. O pai Hemócrates solicita que seu filho retorne ao campo, ajudando-o, também através de trabalhos na cisterna, a não perder a terra:

...em primeiro lugar, desejo que estejas bem... se tu não vens, eu corro o perigo de entregar a nossa propriedade... sequer a cisterna foi limpa do barro e, além disso, tanto o conduto de água foi assoreado pela areia do deserto, como o campo não foi cultivado... a água mal dá para a irrigação de um canteiro; por isso vem incondicionalmente, visto que as plantas correm o risco de morrer... lembro ainda que os cobradores de impostos querem alguma forma de garantia...⁶.

Esta carta, bem como os textos neotestamentários já arrolados, demonstram que a interdependência de água, trabalho e subsistência humana era vivenciada conscientemente na época de Jesus. A relação entre falta de água, pagamento de impostos e perda de terra igualmente era conhecida na época, o que, por sua vez, está inter-relacionada com a questão das dívidas do povo no campo⁷. A necessidade de construir cisternas e condutos de água fazia parte das técnicas utilizadas na época para garantir uma boa produção agrícola. Tudo isto deve estar também metodologicamente presente na leitura e análise que fazemos de textos do Novo Testamento. Nisto também fica claro que

6. Coletânea de papiros BGU II 530, publicada por THIERFELDER, Helmut. *Unbekannte antike Welt: eine Darstellung nach Papyrusurkunden*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1963, p. 91, traduzido por mim. Maiores detalhes e informações, veja RICHTER REIMER, Ivoni. Terra, relações de poder e mulheres: Realidades, símbolos e sonhos no contexto do Novo Testamento. *Caminhos*, Goiânia, vol. 1, n. 1, p. 55-68, 2003.

7. Sobre a relação entre dívidas e perda da terra, também em decorrência de secas, veja REIMER, Haroldo; RICHTER REIMER, Ivoni. *Tempos de Graça*. O jubileu e as tradições jubilares na Bíblia. São Leopoldo: Cebi; São Paulo: Paulus; São Leopoldo: Sinodal, 1999.

ecologia e economia, relações humanas, biológicas, políticas e socioculturais devem ser lidas e entendidas dentro e a partir de um mesmo contexto histórico, que, na época do movimento de Jesus, era marcado pela dominação do Império Romano e pelas elites religiosas do povo judeu.

Águas das travessias

Os Evangelhos sinóticos destacam as águas, os rios e mares na vida e nas atividades de Jesus. Uma grande maioria dos textos nos mostra Jesus ultrapassando fronteiras, limites geopolíticos e socioculturais, fazendo travessias por rios, lagos e mares. Mencionados são principalmente o rio Jordão (Mt 3,6ss; 19,1; Lc 3,1-22; 7,29-30) e o mar de Genesaré, também conhecido como lago da Galiléia ou Tiberíades (Mc 1,16ss; 6,53; 7,31; Mt 4,18ss; 14,34; 15,29ss; Lc 5,1ss). São muitos os textos que fazem referência a este mar-lago, dentro do contexto mais amplo, mencionando também o barco como meio de transporte (Mc 2,13; 3,7; 4,1; 4,35-36; 5,1.13.18.21; 6,32ss; 6,45.47; 8,14.22; Mt 8,18.23-24.28; 9,1; 13,1ss; 14,13-14.22.24ss; 15,39; 16,5; Lc 8,22-25.27.37). Em torno deste mar-lago estão localizadas as cidades e vilas, nas quais Jesus vivia e atuava, como Betsaida (“casa de pescadores”), Cafarnaum; Magadã (Mc 6,45; 8,14.22; Mt 4,13; 15,39).

As águas são, para o grupo de Jesus, importantes vias de transporte e de comunicação entre cidades e aldeias. Elas também figuram, no entanto e justo a partir deste contexto conhecido, como metáfora para tomar outra direção, outro rumo, buscar outra gente. É assim que podemos entender a narrativa que menciona Jesus ordenando aos discípulos que passem para a outra margem (Mc 4,35-5,20 e par.). Isto acontece quando ele, após ter realizado curas e milagres e ter proferido parábolas, recebeu as primeiras reações de incompreensão e questionamento por parte de seus companheiros e conterrâneos. A “outra margem” é a região dos gerasenos (gadarenos). Não parece tratar-se especificamente de uma cidade, mas de um lugar mais vasto (em grego *chôra*), dentro do qual localizam-se as aldeias Gerasa (50km ao sul do mar de Genesaré), Gádara (10km a sudeste do mar) e Gérgesa (margem oriental do mar). Importante, no contexto e para nossa interpretação, é que se trata de uma região onde moram pessoas não-judaicas. Indício para isto são, além da questão geopolítica, exatamente os porcos, que não fazem parte da cultura econômica e religiosa do povo judeu.

O mar e a fala de Jesus, portanto, simbolizam, aqui, o buscar outra gente, ampliar a missão e o anúncio evangélicos.⁸ Destaca-se o fato de que Jesus e sua atividade, desde cedo, abria-se também para outros povos e culturas. Águas de travessia, águas que levam para outros lugares e lugares outros, a busca e o encontro com os outros e as outras. Também nestas travessias há aceitação, admiração e rejeição (Mc 5,15.17.20) em relação à práxis libertadora de Jesus e suas conseqüências econômicas. Jesus é, em parte, rejeitado e aceito pelos seus e igualmente é, em parte, aceito e rejeitado pelos ou-

8. Outra interpretação simbólica, veja em GAMELEIRA SOARES, Sebastião Armando; CORREIA JÚNIOR, João Luiz. *Evangelho de Marcos*. Vol. I:1-8. Refazer a casa. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 215. Veja também BARROS, Marcelo. *O Espírito*, p. 125, 129-130, 149.

tros. Em todo o caso, as travessias das águas aponta para um projeto de abertura e de inclusão que faz das águas o berço, do qual surge o novo.

Águas de batismo e cura

São as águas cotidianas, necessárias para a vida, e as águas das travessias, necessárias para projetos de missão inclusiva, que são tomadas para expressarem a atuação sagrada na vida humana. As tradições religiosas judaica e cristã têm no batismo esta expressão do fenômeno religioso da purificação e da inclusão da pessoa batizada no corpo de Deus, que se manifesta concretamente na comunidade de fé.

Na menção do batismo, João Batista representa a tradição judaica da purificação, do arrependimento e da ética na busca por construir relações de justiça através de atitudes solidárias, não violentas e ecologicamente sustentáveis (Mc 1,2-11 par.; Lc 3,10-14). Tudo isto se expressa na partilha, na rejeição de corrupção e fraude, no não-acúmulo de bens que provêm da natureza.

O apóstolo Paulo, bebendo da fonte de sua tradição judaica, afirma que o batismo propicia e exige o ser-nova-criatura (1Cor 6,4; 2Cor 5,17). O batismo, o mergulhar nas águas, é um ato de recriação para dentro do caos que se manifesta na vida das pessoas através de práticas de injustiça e violência, que apontam para uma vida sem Deus. Renunciar a estas práticas é imperativo da fé judaico-cristã, alicerçada no batismo.

As águas do batismo rememoram o êxodo do povo de Deus e a ressurreição de Cristo. Em 1Cor 10,1-4, Paulo interpreta o êxodo e a caminhada no deserto, aludindo a passagem pelo mar ao batismo e identificando Cristo com a rocha da qual jorrou água para saciar a sede do povo no deserto (veja Ex 17). Assim, Cristo, que ressurgiu dentre os mortos, é entendido como manancial de águas vivas.

Cristo, como fonte de água viva, é testemunhado principalmente no evangelho de João (veja Jo 4). Esta imagem é importante no relato da cura de um homem cego de nascença (Jo 9). As águas-cuspe que brotam da boca daquele que é a fonte da água viva vão juntar-se à terra para formar o lodo colocado sobre os olhos do cego. O gesto, o lodo e a palavra integram-se no processo de cura. Além disso, para a cura, é necessário que o cego se lave nas águas do tanque de Siloé, cumprindo um velho ritual conhecido na época. As águas de dentro e as águas de fora realizam a cura, indicando para aquele que quer salvar a vida toda e toda a vida (Jo 9,35-41).

Águas de vida eterna

Esta ligação de Cristo como água da vida está ancorada nas experiências cotidianas e histórico-religiosas do povo de Israel. O Novo Testamento, quando faz esta ponte, não espiritualiza, mas sempre de novo insiste em reconhecer a interdependência entre a água necessária para a vida terrena e a água da vida e da salvação. Isto fica evidente na narrativa joanina sobre a mulher samaritana junto ao poço de Jacó e seu diálogo com Jesus (Jo 4). A simbologia utilizada remete para a concretude, a necessidade e a preciosidade da água. Beber da fonte da água viva, Cristo, implica em saciar-se e em dispor-se a ser um canal de comunicação com a fonte, do qual “fluirão rios de água viva” (Jo 7,38).

As narrativas joaninas expressam a importância de reconhecer Cristo como a fonte da água viva, que vincula a água sagrada com a sagrada água de cuspes e tanques

utilizados para higiene das pessoas, especialmente doentes. A água com a qual Cristo alimenta deve tornar-se, assim, sempre de novo, uma “fonte a jorrar para a vida eterna” (Jo 4,14), pois jamais acaba. Este é um aspecto central da esperança cristã.

Também o texto de Ap 22 é expressão desta esperança que baseia na certeza da fé. Para dentro de contextos e situações de perseguição, de sofrimento e de morte afirma-se a possibilidade do novo céu e nova terra, nos quais imperam a justiça, a festa, a alegria. As imagens utilizadas convidam a resistir por causa da esperança, a não desistir por causa da certeza de que tudo isto é vivenciável. Águas cristalinas, “brilhantes como cristal”, não poderiam faltar nesta visão. É a experiência da preciosidade, escassez e saudade da abundância que rega a utopia.

A imagem apocalíptica mostra que o “rio da água da vida” está diretamente ligado a Deus, brota do seu trono. Na praça, a árvore da vida produz frutos suficientes para todo o povo de Deus, aqui lembrado com o número doze, e suas folhas trarão cura para todos os povos. A perspectiva global da salvação está intrinsecamente ligada e interdependente com a sua expressão local/regional. Afinal, são as águas do rio sagrado que regarão a árvore da vida, da qual dependem todas as pessoas. Anulada está a maldição da árvore do bem e do mal. Vigora a bênção trazida pelo rio da água da vida, que quer alimentar a esperança e a luta solidária com todos os elementos do novo céu e da nova terra.

“Estas palavras são fiéis e verdadeiras” (Ap 22,6), acalentaram e continuarão acalentando sonhos e lutas para que todos os rios, todas as fontes, todas as águas possam espelhar-se naquele rio da água da vida e que possam, como ele, ser e refazer-se, junto conosco, “brilhantes como cristal” para dar frutos e ser contemplados, aqui e agora, e jorrando até a vida eterna.

Para continuar refletindo

As águas continuam sendo elemento importante do fenômeno religioso. Fontes, rios, pias e piscinas batismais continuam presentes nas celebrações e nos rituais. Divindades foram e continuam sendo adoradas junto a fontes e mananciais de água. A tradição judaico-cristã pode contribuir no diálogo inter-religioso, visando preservar a vida no mundo, especialmente focando as águas, através da elaboração teológica de uma de suas imagens sagradas: Deus como fonte da água da vida. Aqui também está uma característica própria da fé judaico-cristã: sendo Deus a fonte da água da vida, não mais é necessário dirigir-se a um determinado lugar geográfico para adorá-lo, e para tal ter de gastar muito dinheiro em viagens, hospedagens, etc. Esta *fonte* pode ser adorada em qualquer lugar. Ecologicamente esta imagem, esta alusão também deve implicar em posturas de preservação das águas. Deus como água-fonte é, em si, um convite para cuidarmos de todas as águas e de reconhecermos que todas são sagradas. Atentar contra elas é atentar contra Deus. Contemplá-las e protegê-las contra todos mecanismos de exploração, exclusão e morte é testemunhar nossa pertença à fonte da água viva e nossa amizade com as águas de vida que devem jorrar para todas as pessoas.

Ivoni Richter Reimer
Rua 115G, nº 10
Setor Sul
74085-310 Goiânia, GO
e-mail: ivoni_rr@hotmail.com